

Novo projeto usa só professor qualificado

Uma das principais características do projeto de alfabetização de adultos da cidade pernambucana do Cabo é que nele só trabalham professores qualificados — e não leigos, como nos programas tradicionais — e que sejam ligados a movimentos comunitários. Exceção, pelo menos por enquanto, só para os núcleos da área rural, onde nenhum professor da cidade se arrisca a ir e, nesse caso, o alfabetizador é um leigo do local. Tanto eles quanto os qualificados são submetidos a uma reciclagem permanente, com reuniões pedagógicas a cada 15 dias.

A escolha das palavras geradoras — as chaves para as aulas — seguiu um longo processo e, das 400 mais constantes do universo vocabular dos alfabetizandos, ficaram 17, divididas em três blocos, cada um com uma frase-síntese.

No primeiro estão as palavras nas quais o aluno identifica seu dia-a-dia: moradia (preferida à palavra casa por oferecer maior riqueza fonética), saúde, escola, trabalho, cachaça e polícia. A síntese é: "O povo se une e luta."

Histórias — No segundo bloco, estão as palavras que indicam os canais de superação dos problemas: associação, sindicato, partido, igreja e prefeitura. A frase-síntese é "O povo se organiza". O último bloco é composto pelas palavras Brasil, terra, reforma agrária, dívida externa, eleições e inflação (em 86 foi Plano Cruzado). Frase-síntese: "O povo quer democracia."

A aula começa com a discussão da palavra sugerida pelo cartaz — por exemplo, em trabalho os alunos discutem salário, emprego e condições de trabalho e, em Brasil, os problemas do Cabo que acontecem no resto do país —, seguida de histórias narradas individualmente por um ou outro aluno ou de uma construída coletivamente, em sala de aula. A história é entregue, mais tarde, ao aluno, escrita na linguagem culta.

A palavra geradora é, então, destacada da história e dividida em sílabas, que dão origem a novos vocábulos. A principal diferença entre este trabalho e o de Paulo Freire nos anos 60 é que agora há o registro gráfico das palavras estudadas, o que não ocorria naquela época. As histórias de cada grupo — os alfabetizandos são divididos em turmas de garis, mulheres, trabalhadores rurais e outros — são estudadas e discutidas pelos demais.

Desafio — Para o prefeito do Cabo, Elias Gomes, a questão da alfabetização de adultos é muito mais política do que pedagógica, porque, no seu entender, implica perda de poder, consequência da descentralização do ensino. E é justamente sua vontade política de reduzir em grandes proporções, até o final de seu mandato, o número de adultos analfabetos do município que significa um pulo no escuro para o projeto, pois, para que a qualidade do trabalho seja mantida, é preciso que seja feito apenas por professores preparados.

A meta é ambiciosa: passar dos atuais 99 núcleos (57 de alfabetização e 42 de intensivo) para 500 núcleos, ampliando de 2.800 para 12.500 o número de alunos. Os recursos da Fundação Educar — CZ\$ 11 milhões — servirão para o pagamento dos professores (um salário-mínimo por duas horas diárias de trabalho).

Os locais continuarão a ser os já utilizados: salas de associações de moradores, sindicatos, igrejas e escolas, mais os que vierem a ser cedidos pelos habitantes locais, em troca de isenção do IPTU. É um desafio, mas o maior deles será o de conseguir tantos professores disponíveis, qualificados e ligados a movimentos comunitários, quanto o número dos núcleos pretendidos. (R.F.)